

A MORTE DE ARAFAT

Nas urnas, o futuro dos palestinos

Para analistas, somente as eleições podem dar legitimidade a futuro líder para negociar com Israel

Deborah Berlinck

Correspondente • PARIS

Herói para uns, terrorista para outros, o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Yasser Arafat, morreu em Paris, a quilômetros de distância de sua terra, deixando uma Palestina ocupada por Israel, um vázio político e uma grande questão: o que muda com sua morte? Especialistas ouvidos pelo GLOBO acreditam que a morte de Arafat abre uma oportunidade para negociações de paz entre Israel e os palestinos. Mas dizem que há uma condição crucial para isso: eleições palestinas.

O motivo principal é que os dois homens que assumiram o comando — Mahmoud Abbas, o chefe da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), e o primeiro-ministro Ahmed Qorei — por não terem sido eleitos, não têm margem de manobra nem o carisma de Arafat para impor uma mudança de rumo. Em entrevista ao GLOBO, o ministro de Planejamento e Trabalho da ANP, Ghassan Khatib, deixou isso claro. Ele diz que apesar da diferença de estilo e abordagem, Abbas e Qorei não terão como mudar a linha política traçada por Arafat, que insiste em três pontos: criação do Estado palestino de acordo com a divisão territorial de 1967 (ano em que Israel ocupou a Cisjordânia e a Faixa de Gaza), Jerusalém como capital e direito de retorno dos refugiados. Se desviarem-se muito disso, não terão apoio.

Antoine Basbous, do Observatório dos Países Árabes (OPA), em Paris, acha que as eleições são uma condição fundamental:

— Só um dirigente palestino com a legitimidade de ter sido eleito por sufrágio universal poderá se emancipar da tutela póstuma de Arafat e ter margem grande de manobra para discutir com Israel e se apresentar diante dos EUA e dos europeus para relançar o Mapa da Paz. Mesmo depois de sua morte, Arafat deixou posições — sustenta Basbous.

A Constituição palestina diz que as eleições devem ocorrer em 60 dias. E, ontem, Qorei disse que as eleições serão realizadas antes de 9 de janeiro de 2005. Ele pediu a Israel para retomar as negociações de paz o mais depressa possível. O que deixa a bola no campo dos israelenses, já que as eleições dificilmente ocorrerão sem que os palestinos possam circular nos territórios.

— Se Israel continuar com sua presença militar nos territórios ocupados, restringindo o movimento dos palestinos e suas atividades políticas, isto será o equivalente a impedir os palestinos de fazer eleições — diz Khatib.

Duas gerações

• Por enquanto, cada lado mantém o velho discurso. Israel diz que não tem como ceder ou negociar sem que antes os palestinos acabem com os ataques terroristas. E os palestinos dizem que não têm como acabar com a violência sem que os israelenses parem com os ataques aos territórios.

Para especialistas, as eleições são fundamentais também para resolver a questão da segurança. Segundo Basbous, só um chefe eleito terá força para colocar ordem nos territórios e impedir que as Brigadas dos Mártires de al-Aqsa (braço armado da Fatah), reatizadas de Brigadas do Mártir Yasser Arafat, ou grupos radicais islâmicos, como o Hamas e a Jihad Islâmica,

façam o que quiserem. Mas o especialista tem dúvidas quanto à vontade do governo Sharon de facilitar as coisas.

— Sharon pode achar confortável a situação para manter o *status quo*. Ele pode usar o argumento de que os palestinos estão desorganizados, não têm um chefe, para argumentar que não dá para trabalhar com eles. Se houver eleições, o chefe eleito poderá dizer a Israel: “Estou aqui, agora vamos negociar” — explicou.

O diretor do Observatório não vê, por enquanto, quem poderia emergir como grande força das urnas. Há competição entre duas gerações: a que veio do exílio com Arafat, que tem como maior expoente Mahmoud Abbas, mas sofre acusações de corrupção; e a de palestinos dos territórios, onde o mais carismático é Marwan Barghouti, condenado à prisão perpétua por Israel. Ontem, a mulher de Barghouti disse que o marido cogita se candidatar. Uma coisa é certa, diz: Israel tem que se manter à distância, pois qualquer candidato que lhe agrade terá morte política certa.

Meses decisivos

• Antoine Sfeir, diretor do “Cahiers de l’Orient”, também acha que eleições são uma das chaves para o fim da crise atual. Ele vê a emergência de um governo pluralista — o que não era o caso na era Arafat, que controlava todos os postos-chave: a ANP, a Fatah e a OLP. Sfeir acredita que se houver incorporação do Hamas num futuro governo, os radicais terão que parar com sua campanha de ataques terroristas contra Israel. Esta possibilidade está sendo discutida entre a Fatah, a facção de Arafat, e o Hamas, por enquanto, sem acordo.

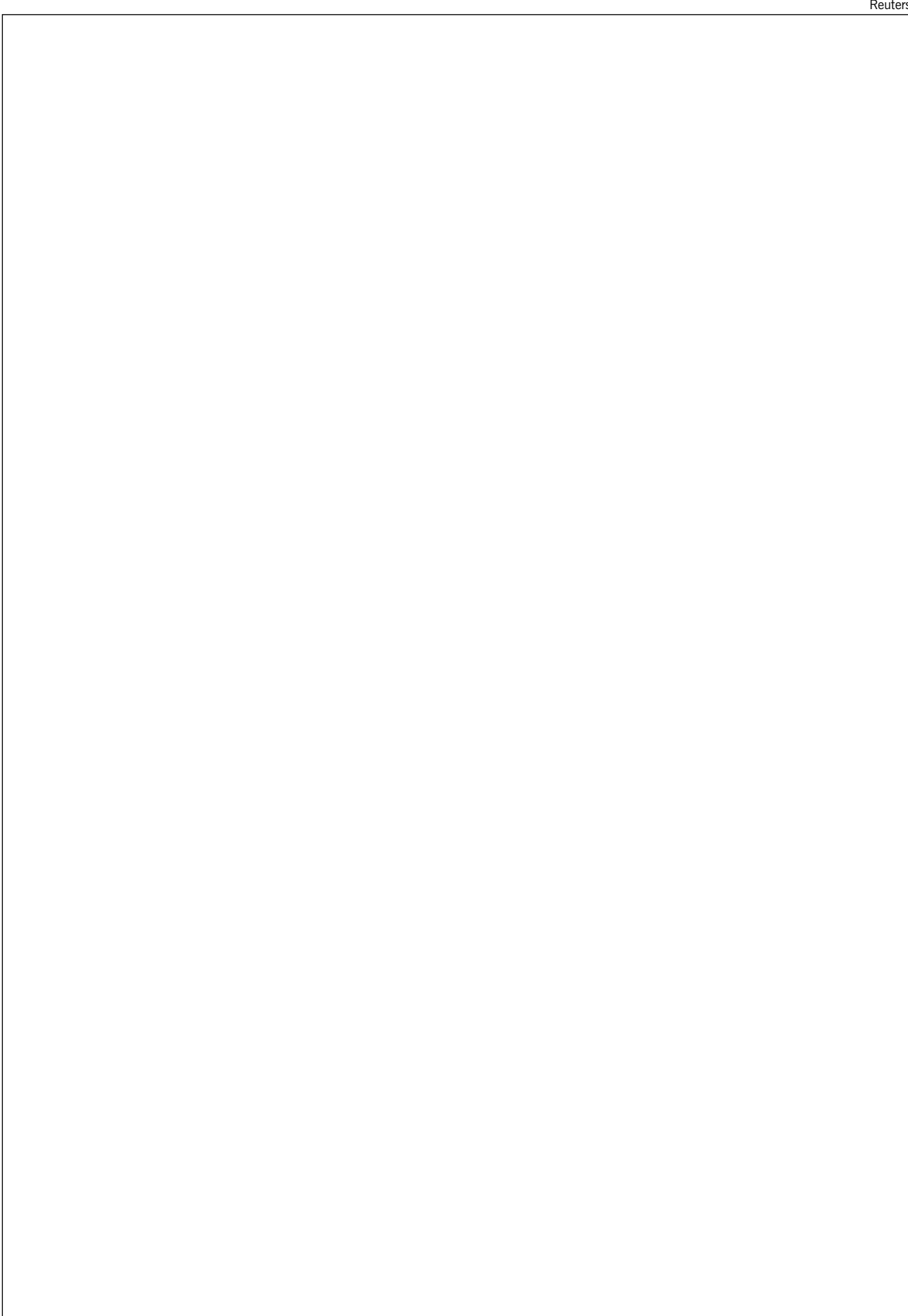
Mas muito vai depender de duas peças fundamentais: EUA e Israel. Basbous crê que o presidente George W. Bush “tem interesse em resolver a crise palestina para melhorar sua imagem no mundo islâmico”, e vê com bons olhos a nomeação em Washington de um novo representante para a área. Antoine Sfeir acha que há campo para otimismo após a morte de Arafat:

— Num casal, quando um parceiro rejeita o outro, não se pode avançar. Os israelenses rejeitaram Arafat, e sem ele, vão ter que estar de acordo (em retornar à mesa de negociações). A realidade mudou. Sharon é um pragmático, ele aproveitará a ocasião. A questão é se ele será apoiado por sua coalizão, e isso não sabemos. A realidade mudou. Sharon é um pragmático, ele aproveitará a ocasião. A questão é se ele será apoiado por sua coalizão, e isso não sabemos. A realidade mudou. Sharon é um pragmático, ele aproveitará a ocasião. A reeleição do presidente Bush, que já falou num Estado palestino, pode ser um elemento de pressão para trazer israelenses e palestinos para a mesa de negociações — explica.

Mas Sfeir alerta que a oportunidade que surge é limitada e “a janela que se abre não pode permanecer aberta por muito tempo”. Se nos próximos três ou quatro meses não houver mudança, o ciclo de violência vai continuar. Alguns como Ofer Bronstein, presidente do Fórum Paz e Reconciliação para o Oriente Médio, acham que Sharon vai surpreender mais uma vez:

— Estou convencido de que o Sharon de hoje é mais pragmático do que o de 1982. Tem um apoio popular extraordinário e uma maioria parlamentar muito importante para fazer avançar o processo de paz — disse, numa entrevista à televisão francesa. ■

• **NO GLOBO ONLINE:**
Slideshow: O lugar de Arafat na História
www.oglobo.com.br/mundo



Mudanças nas fronteiras

EVOLUÇÃO DESDE A CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

1947 A PARTILHA DA PALESTINA

A ONU propôs dividir a Palestina entre árabes e judeus e pôr Jerusalém sob controle internacional



1949 APÓS A GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

Israel venceu a Guerra da Independência (1948) contra cinco países árabes e ampliou suas fronteiras



1967 A VITÓRIA NA GUERRA DOS SEIS DIAS

As conquistas da Guerra dos Seis Dias multiplicaram por três o tamanho do país



1998 DEPOIS DO ACORDO DE OSLO

Após os acordos de paz de Oslo (1993) e Wye Plantation (1998), Israel passou o controle de áreas a palestinos



A REGIÃO HOJE

■ Áreas palestinas
■ Áreas israelenses nos territórios
△ Colônias judaicas
● Campos de refugiados fora dos territórios palestinos

